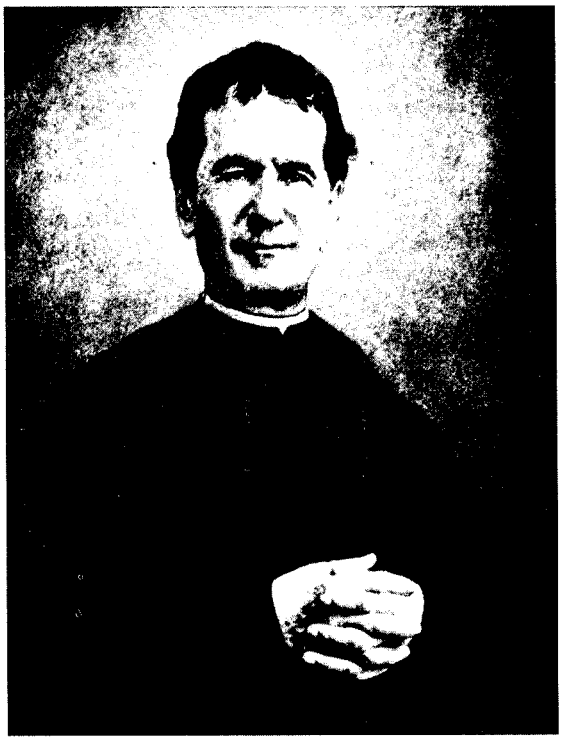
O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

SÃO JOÃO BOSCO, O APÓSTOLO DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA



Era o entardecer do sábado, seis de dezembro de 1862. Os alunos do "Colégio do Oratório" de Turim, terminadas as orações da tarde, saíam correndo da capela e divertiam-se brincando no pátio. Atrás deles, caminhando mais devagar, conversavam D.Bosco e o jovem clérigo Paulo Albera, que no futuro seria seu segundo sucessor. E D.Bosco dizia:

- Nossa Igreja já é muito pequena. Vamos construir outra maior, mais bela, que seja magnífica!

E, mais tarde, aos rapazes que o rodeavam, ele repetia: - Estão vendo lá, aquele extremo do pátio? Ali construiremos uma Igreja magnífica à Mãe de Deus, e a chamaremos Igreja de Maria Auxiliadora!

O clérigo Albera olhou lentamente em torno, para as construções que D.Bosco, durante mais de quinze anos de sacrifícios, havia aos poucos conseguido levantar: um pequeno edifício para a habitação e o estudo dos meninos, uma minúscula igreja, quase uma capela... e só. Agora D.Bosco falava em construir uma "igreja maior, mais bela, magnífica", e apontava para um local que nem sequer lhes pertencia...sim... no futuro, talvez:..

Mas D.Bosco não se referia a um futuro remoto, queria começar imediatamente. Quando lhe fizeram a objeção de que uma igreja daquele tamanho custaria muito dinheiro, respondeu:

- A Virgem é quem paga. Ela quer sua igreja, e é natural que pense em pagar as despesas. Nós só precisamos merecer. E mandou anunciar a obra, em uma distribuição em toda Itália, de uma circular pedindo donativos.

Muitos ao lerem a circular comentavam que D.Bosco estava louco (esse comentário foi freqüente durante toda a vida do santo). Um padre seu amigo lhe declarou: "No dia em que você levantar um templo assim, eu comerei um cachorro cru" (quando o padre perdeu a aposta, D.Bosco lhe perdoou o debito, mas o facilitou, encomendando numa confeitaria um cãozinho de açúcar).

Em fevereiro de 1863, D.Bosco conseguiu comprar o terreno. Contratou, então, como empreiteiro um antigo aluno seu e mandou iniciar a terraplanagem. Seria preciso pagar mil liras a cada quinze dias e ele não possuía, em caixa, dinheiro algum. Foi então que Nossa Senhora começou a agir. No fim da primeira semana de obra, D.Bosco recebeu um chamado para que fosse confessar uma enferma em estado grave. Esta, ao recebê-lo, disse:

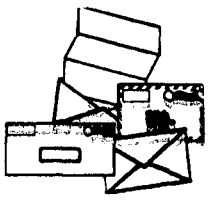
- D.Bosco, se eu sentisse algum alivio de minhas dores, daria um auxilio para a sua obra. E D.Bosco: " Faça uma novena a Nossa Senhora Auxiliadora".

Chega o sábado, dia do pagamento e, D.Bosco que ainda não tinha um níquel, vai visitar sua enferma e a encontra completamente curada. Agradecida, ela lhe entrega um pacote que continha exatamente as mil liras de que ele precisava.

Terminada a terraplanagem, D.Bosco ordenou o início imediato da escavação dos alicerces. D.Sávio, o tesoureiro, exclamou:

(p. 5)

Escrevem os Leitores



Com referência ao "O Desbravador" de Março/Abril de 2005 não tenho nada em contrário contra a transcrição das revelações sobre o Inferno, para onde foram os que fizeram confissões sacrílegas.

HUGO FERREIRA PINTO
SÃO PAULO - SP

Recebendo o jornalzinho, nosso melhor amigo, estou aqui para agradecer e dizer o quanto gosto desta leitura.
A distância não atrapalha a comunicação entre irmãos em Jesus Cristo. Que a Sagrada Face nos ilumine hoje e sempre. Jesus, Maria e José nos protejam hoje e sempre.

ZENITH CARDOSO DE OLIVEIRA
FORTALEZA - CE

É com muita alegria que finalmente recebo a revista "O Desbravador" em casa, obrigada meu Deus.
Eu sofri porque muitas vezes queremos que nossas preces sejam atendidas de imediato e sabemos que não é assim, temos que esperar.
Deixo-vos na graça de Maria Santíssima.

ELIANE LOURENÇO DA SILVA
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

Estou escrevendo para atualizar o meu endereço. Agora moro na ....

LUCIANA RITA S PAPAIZ DO NASCIMENTO
SÃO PAULO – SP

Comunico aos Senhores, do "O DESBRAVADOR", que fiquei surpreso com o tamanho colossal dos artigos, em questão ao heroísmo lingüístico atribuído aos vossos textos [Católicos]... Peço aos Senhores, se possível, que comuniquem-me de como posso estar adquirindo os textos do "O DESBRAVADOR". Obrigado

FERNANDO DOS SANTOS

Imprimimos
com
RIPAX
Premium Quality Paper Laser 75

O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERISSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail – odesbravador@mail.com.br

Editorial

Em nossa nova edição voltamos a focalizar a figura monumental de São João Bosco.

Na verdade, esse santo tem muito a dizer ao homem de hoje, pois foi um santo que viveu numa época próxima da nossa, já imersa no laicismo, na incredulidade e na indiferença religiosa. Mais que isso, numa época em que se queria fazer prevalecer um cientificismo contra o sobrenatural.

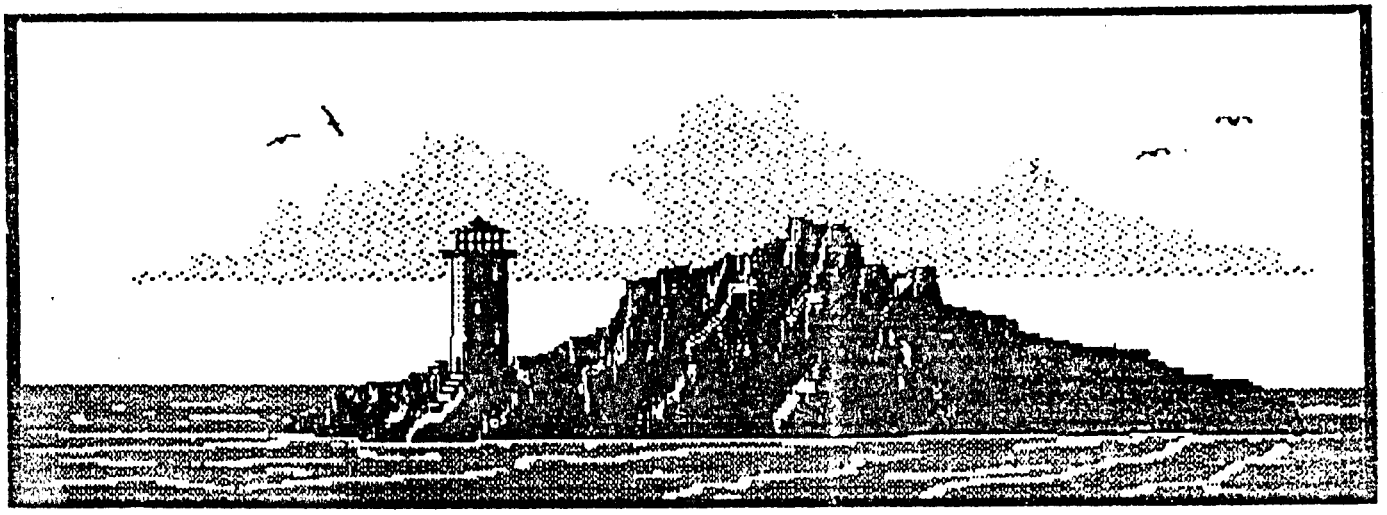
E Dom Bosco foi um instrumento da Divina Providência para mostrar que a Fé sempre tem lugar e o sobrenatural existe.

Os fatos que narramos nesta edição bem mostram essas coisas. E mostram mais: mostram que maravilhas se operam quando a Graça Divina encontra uma alma totalmente aberta a essa mesma graça.

Além disso, vemos que em todas as suas grandes obras, Dom Bosco era dócil instrumento da Mãe de Deus. Sim, ele foi apóstolo da devoção Mariana debaixo do título de Nossa Senhora Auxiliadora. Propagou sem cessar essa devoção e a Santíssima Virgem sempre veio em auxilio de Dom Bosco e com isso as maravilhas ocorreram.

Sirva esse número para contribuir que sejamos também devotos de Nossa Senhora Auxiliadora, confiemos, como ele, cegamente na Mãe de Deus e propaguemos mundo afora essa devoção.

Que Maria, Auxílio dos Cristãos faça de nós instrumentos dignos do seu serviço e para tanto arranque de nossa alma tudo que em nós impede de servi-lA.



O Bigode de Cada Um

No século XVI, um jovem espanhol, primo de Santa Teresa, era o típico moço de sua época: meias apertadas, calções bufantes, espada no lado. Tinha sonhos.

Um domingo, ao assistir a Missa celebrada por um padre da Companhia de Jesus, tomou a resolução de ele também tornar-se jesuíta. Terminada a Missa foi manifestar ao padre sua resolução. O sacerdote alegrou-se, mas, sem mostrar emoção, procurou testá-lo.

Foi dizendo ao jovem que ele teria de mudar suas vestimentas. Ele aceitou a idéia. Em outras conversas foi dizendo o que o jovem teria de fazer, como trocar a espada de aço pela espada da Fé; deixar sua família, navegar pelo mundo para evangelizar os povos. Tudo ele aceitava.

Mas, numa conversa o bom padre disse que ele precisaria cortar seu bigode. Sim, ele usava um bigode pontiagudo à moda da época e o padre pedia para ele cortá-lo.

Aí o jovem estrilou e disse não. O Padre insistiu e nada o demovia. Nas conversas seguintes o padre voltava ao assunto, mas nada. Para o sacerdote, cortar o bigode era renúncia essencial para o moço provar sua vocação, mas nada o fazia mudar.

Sua santa prima escreveu a ele pedindo o sacrifício, mas ele não cedia.

Por fim, com orações e sacrifícios de tantos, ele aceitou, cortou o bigode, entrou para a Companhia de Jesus e, ainda estudante, foi enviado ao Brasil para missionar em nossa Terra. No caminho ele e seus confrades foram aprisionados por um navio calvinista e pela sua Fé, eles morreram mártires, jogados ao mar.

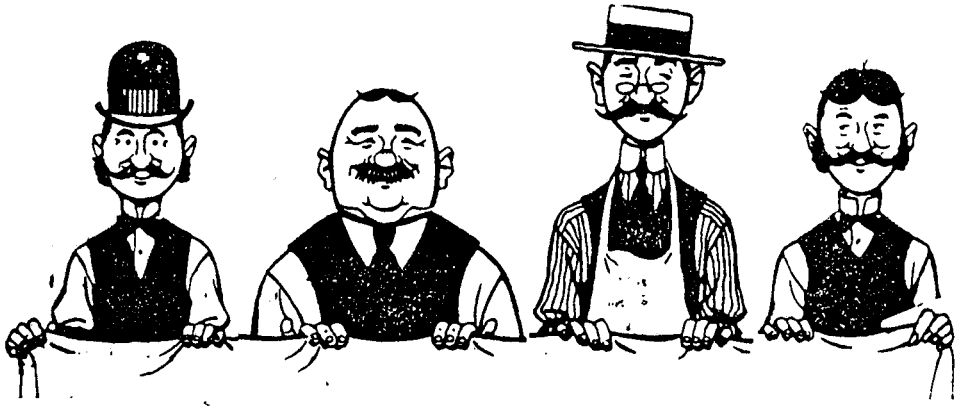
Ele é um dos Bem-Aventurados 40 mártires do Brasil.

O jovem jesuíta, do nosso artigo, morreu mártir, santificou-se e se não tivesse cortado o bigode não teria entrado para a Companhia, não teria sido enviado ao Brasil, não teria sido mártir.

Quantos de nós poderiam ser santos, mas por não querer cortar os bigodes da alma, não só não avançam na virtude, como recuam na vida espiritual, decaem e afundam.

Realmente, todos temos bigodes a cortar, nós a desatar. Para um é uma roupa, para outros uma namorada ruim, para outros uma carreira mundana, para tantos uma diversão, em suma todos temos bigodes a cortar, nós a desatar.

Com as nossas forças não temos coragem para o corte, precisamos da graça Divina e o meio para a obtermos é pedir à Medianeira de todas as Graças, Nossa Senhora, que é quem desata os nós e pode nos fazer santos.



- Mas não se trata de construir uma capelinha! E hoje de manhã não tivemos dinheiro para pagar os selos do correio!

Apesar das preocupações de D.Sávio, as escavações tiveram início e o dinheiro sempre aparecia no instante necessário, e na exata medida: nunca um centavo a menos, nunca um centavo a mais. Como D. Bosco havia previsto, Nossa Senhora pagava as dívidas de sua igreja, mas exigia uma confiança completa. Prova, de que era Ela quem pagava, é que todos os donativos recebidos eram agradecimentos de alguma intercessão de Nossa Senhora Auxiliadora: "Turim, Gênova, Bolonha, Nápoles, Florença, Roma. Havendo comprovado o favor da Mãe de todas as graças sob o título de Auxílio dos Cristãos. De mais longe também chegavam donativos: Palermo, Viena, Paris, Londres, Berlim. Posso afirmar que cada pedra, cada ladrilho dessa construção recorda uma graça da Rainha dos Céus" (Rodolfo Fierro. "biografia y escritos de San Juan Bosco". Madrid. 1950. Pg.295).

Não vamos cansar o leitor com o relatório de dezenas de milagres. Contaremos apenas um, que está entre os mais conhecidos, e do qual existem todos os documentos possíveis para provar a autenticidade. A fonte é o mais autorizado biógrafo de São João Bosco, o Padre Lemoyne ("Vita del venerabile servo di Dio Giovanni Bosco", Turim, 1913, pgs.42 a 45).

Em 16 de Novembro de 1866 era necessário pagar aos empreiteiros, quatro mil liras e, como sempre, não havia um tostão em caixa. Vários membros do Oratório saíram para buscar esmolas, mas, depois de muito andar, voltaram com apenas mil liras.

À uma da tarde saiu D. Bosco. Andava ao acaso, sem saber aonde ir, quando encontrou o criado de uma casa rica:

- O senhor não é D. Bosco?

- Para servi-lo.

- Graças a Deus que o encontro! Venha comigo. Meu patrão está muito doente, de cama há anos e quer vê-lo.

D. Bosco é levado a uma mansão, onde uma senhora o recebe chorando:

- Ah, D. Bosco se soubesse há quanto tempo o esperamos! Mandamos buscá-lo várias vezes e nunca o encontramos na cidade. Quereria que curasse meu marido com a benção de Nossa Senhora Auxiliadora. Eu teria dado um donativo a sua igreja... mas agora é tarde demais, pois ele está quase no fim. Anteontem os médicos declararam não haver mais cura...

- Entre os médicos estava também Nossa Senhora? - pergunta D. Bosco - porque se não estava, a consulta não valeu por falta do principal. De que doença se trata?

- A doença tomou várias formas e há alguns meses degenerou em hidropsia. Ele foi operado várias vezes mas está novamente inchado, num estado de dar piedade. E os médicos não ousam mais tocá-lo, porque afirmam que não suportará outra operação.

D. Bosco é levado ao quarto do enfermo e este lhe conta que está de cama há três anos, sofrendo horrivelmente para fazer qualquer movimento. Sorrindo, o santo lhe pergunta:

- Gostaria de dar um passeio?

- Pobre de mim! O único passeio que farei será carregado para o cemitério.

- Se quiser fará um passeio hoje com suas pernas e em sua carruagem.

- Se eu pudesse obter um pouco de alívio, faria de boa vontade um donativo para sua obra.

- Ora, isso seria realmente propício. Tenho absoluta necessidade de três mil liras.

- Bem, obtenha-me alívio e até o fim do ano lhe darei o que pede.

- Mas, eu preciso de dinheiro ainda esta tarde.

- Esta tarde?! E onde vou achar esse dinheiro? Não tenho tanto em casa e seria preciso ir ao banco...

- E por que o senhor não vai ao banco?

- Quem?

- O senhor!

- Eu? Sair? É impossível! O senhor está troçando!

- Impossível para nós, mas não para Deus Onipotente! Dê Glória a Maria Santíssima Auxiliadora, e vamos fazer a prova.

E D. Bosco mandou os presentes se ajoelharem e rezarem a Nosso Senhor Sacramentado e a Maria Auxiliadora. Em seguida deu ao enfermo a benção e este, imediatamente, começou a soltar tanto líquido que a sua mulher gritava:

- Está morrendo!!! E D. Bosco:

- Fique tranqüila, que não está morrendo. O corpo está voltando ao tamanho normal. E manda trazer as roupas do enfermo, há anos abandonadas. Nesse momento, chega um dos médicos que fica escandalizado ao ver tudo aquilo e insiste para que o paciente volte para a cama. Mas ele não quer ouvir

ninguém que não D. Bosco. Sentindo-se curado, vestiu-se sem ajuda de ninguém, e passeou um pouco pelo quarto. Mandou atrelar sua carruagem, e enquanto esperava tomou uma copiosa refeição, coisa que há muito não podia fazer. Em seguida vai ao banco e retorna triunfante, entregando a D. Bosco as três mil liras, e dizendo: "estou completamente curado!".

D. Bosco o exortou a agradecer a Jesus Sacramentado e a Nossa Senhora Auxiliadora. Em seguida voltou ao Oratório, onde o credor já estava a sua espera. Efetuou o pagamento, e as obras prosseguiram.

Quando a basílica foi concluída, os milagres continuaram em seu interior, principalmente quando das festas de Nossa Senhora Auxiliadora. Na última dessas festas que D. Bosco presenciou em vida (24 de maio de 1877), os prodígios chegaram ao apogeu. O padre Lemoyne, testemunha dos fatos, os descreve:

"(...) O entusiasmo estava no auge, porque se viam graças extraordinárias. Um jovenzinho que entrara no santuário de muletas, foi visto sair, desembaraçadamente, com as muletas na mão. Um paralítico (...) saiu completamente curado. Três senhoras trouxeram uma jovem enferma que mal se mantinha nas muletas, e, depois de longa espera, foram introduzidas na sala de D. Bosco. O secretário, quando a viu sair, ainda de muletas, lhe disse:

- Como? Que fé é essa? Você foi pedir a benção de D. Bosco no próprio dia de N.Sra.Auxiliadora, e quer sair da mesma forma que entrou? Ande sem auxílio, que D. Bosco não dá sua benção à toa!

A jovem ficou pasmada. Entregou as muletas à mãe e desceu à Igreja com dificuldade. Mas ao chegar lá, verificou que estava completamente curada. Deixou as muletas na sacristia e voltou contente para casa" (Lemoyne, Obra cit., pgs.606 e 607).

Talvez o leitor conheça alguém que, ao ouvir esses fatos, comente: "Eu não acredito!" A essa pessoa o leitor poderia então citar o comentário feito pelo "Figaro", grande jornal de Paris, em 18 de maio de 1883, depois da triunfal visita de D. Bosco àquela cidade:

"(...) São lendas, dirão os céticos; "é uma mistificação". Mas há um fato claro, inegável, e é isto: a quarenta anos atrás um pobre padre, que não possuía sequer um teto, dizia a seus pequenos órfãos: "Cantem, meninos, cantem louvores ao Senhor. Neste lugar se levantará uma igreja, onde vocês continuarão a cantar". "Pobre louco!", diziam os "sábios"... Mas hoje, naquele mesmíssimo lugar surge a igreja, e em torno àquele Oratório surgem outros, não só na Itália, mas na Europa e no mundo... E isso não é lenda, mas um fato indiscutível". (Lemoyne, Obra citada, pgs.483 a 484).

Isso comentava Le Figaro em 1883. E a magnífica basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, de Turim, ainda está lá, para quem quiser verificar.

Uma Ordem de coisas onde o milagre é corriqueiro, e onde o maravilhoso é habitual: Eis o ambiente que rodeava São João Bosco, apóstolo de N.Sra.Auxiliadora. O que impressiona mais na leitura dos fatos de sua vida não é tanto o número dos prodígios operados pela Santíssima Virgem, mas a naturalidade com que São João Bosco os recebia.

Em 1864, D. Bosco é convidado a pregar o tríduo em louvor à Assunção de Nossa Senhora na aldeia de Montemagno, oitenta quilômetros a nordeste de Turim. No local não chovia há três meses, e os habitantes angustiados temiam pela perda das colheitas. D. Bosco, ciente da situação, da primeira vez que sobe ao púlpito, se dirige a eles nos seguintes termos:

- Se vocês vierem às orações durante três dias, se reconciliarem com Deus por meio de uma boa confissão e se prepararem de modo que, no dia da festa, seja possível uma comunhão geral, eu vos prometo, em nome de Nossa Senhora, que uma chuva abundante virá refrescar vossos campos.

Como afirmaria mais tarde, D. Bosco não tivera a intenção de profetizar a chuva para dali a três dias, mas foi nesse sentido que a população da aldeia o entendeu: se todos se confessassem e comungassem, no dia da festa infalivelmente choveria. Vendo que não era mais possível desfazer o engano, D. Bosco resolveu deixar as coisas nas mãos de Nossa Senhora e continuar a pregação.

Nas aldeias próximas a notícia da "profecia" foi comentada em tom de burla e debique. Na vizinha aldeia de Grana, programaram para o dia da

"SOU TODO VOSSO, Ó MARIA, E TUDO O QUE POSSUO VOS PERTENCE"
(São Luis Maria Grignon de Montfort)

festa um grande baile público ao ar livre, para comemorar o fracasso da previsão.

Em Montemagno, sob um sol inclemente, durante os três dias, a assiduidade aos sermões foi completa, e as confissões, contínuas. Durante a missa, na manhã da Assunção, a comunhão foi tão numerosa como nunca se havia visto naquele lugar. Mas o céu continuava sereno e azul. Na hora do almoço, as pessoas que acompanhavam D. Bosco à mesa mantinham um silêncio embaraçado, ouvindo ao longo o ruído das festividades na aldeia de Grana.

À tarde, quando os sinos chamavam os fiéis para o sermão final, o firmamento continuava límpido e o calor sufocante. Na sacristia da Igreja, D. Bosco era assediado por pessoas que o interrogavam: "E se a chuva não cai?" "É sinal que a não merecemos", respondia.

Terminam os cânticos, e D. Bosco sobe ao púlpito para o sermão. No caminho, dirige-se a Nossa Senhora: "Minha Mãe, não é a minha honra que se encontra em perigo, mas é a Vossa. Que dirão os detratores de Vosso Nome ao verem desiludidos esses que hoje fizeram o melhor possível para Vos agradar?"

Chega ao alto do púlpito e faz o sinal da cruz, com os olhares da multidão cravados nele. A prédica tem início com uma Ave Maria, e enquanto a reza, alguns julgam notar que a luz do sol escureceu um pouco. Durante o exórdio ouve-se um prolongado trovão, um murmúrio de alegria percorre o interior da igreja. D. Bosco se recolhe um instante e uma chuva contínua e pesada começa a cair, lavando os vitrais. O sermão se inicia e é um hino de louvor e gratidão a Nossa Senhora. Depois da benção o povo permaneceu muito tempo dentro da igreja porque a chuva, fortíssima, continuava a cair.

Talvez algum leitor mais cético esteja disfarçando um sorriso de incredulidade. "Ora", pensará ele, "isso nada mais é que uma coincidência. Aliás, essas chuvas de verão são mesmo assim repentinas. A ciência da meteorologia explica isso perfeitamente". Mas o caso não termina aqui. Na aldeia de Grana, o baile foi interrompido por uma chuva de granizo, que destruiu todas as colheitas. Verificou-se depois que o granizo caíra unicamente dentro dos limites daquele município. E isso a "Ciência da Meteorologia" não explica.

Falávamos de confiança em Nossa Senhora, e da naturalidade em pedir e aceitar a sua intercessão. Em 1885, o diretor de um colégio fundado por São João Bosco, em Paris, se viu repentinamente em dificuldades financeiras, porque as esmolas de que o colégio necessitava para sustentar os alunos haviam minguado, estando quase a cessar, preocupado, o diretor escreve a D. Bosco, descrevendo a situação. Resposta do Santo: "obtenha milagres, que os meios não faltarão". O diretor reuniu os alunos e ordenou-lhes que rezassem pela cura milágrosa do filho de um benfeitor que havia sido gravemente ferido e estava às portas da morte. Os alunos rezaram e a pessoa se curou de maneira prodigiosa.

A notícia se espalhou pela cidade e as esmolas tornaram a voltar.

Familiaridade, dizíamos... Em janeiro de 1880, D. Bosco vai a Marselha pedir ajuda para uma série de obras de caridade que havia iniciado. Mas os jornais misteriosamente se calaram a seu respeito, e depois de alguns dias nada se havia conseguido. Então trazem a ele, em cadeira de rodas, um pobre menino paralítico. O santo lhe dá a benção de Nossa Senhora Auxiliadora, lhe ordena que ande e o menino se põe a andar. Depois disso, em pouquíssimo tempo, toda a cidade o conhecia, procurava e ajudava. Outros seguiram e a viagem a Marselha foi um sucesso estrondoso. A uma das testemunhas desse primeiro milagre, D. Bosco depois comentou: "Quando vi o menino naquele estado compreendi que nada poderia fazer. Então, disse a Nossa Senhora: "Vamos começar?. E a Madonna começou".

No biênio 1884-85, uma epidemia de cólera se propagou pelo sul da Europa atingindo principalmente a Itália, França e Espanha. Oitenta por cento das pessoas contagiadas morriam, às vezes algumas horas apenas depois do contágio.

Quando se soube do início da epidemia, D. Bosco iniciou contra ela, numa circular divulgada por toda Europa, uma prevenção. Tal prevenção constava de três pontos:

"1º Freqüentar a Sagrada Comunhão com as devidas disposições."

"2º Repetir freqüentemente a jaculatória: Maria, Auxiliadora dos cristãos, rogai por nós."

"3º Levar ao pescoço a medalha benta de Nossa Senhora Auxiliadora e concorrer a qualquer obra de caridade ou de religião em honra dEla."

"Com esse antídoto, dizia ele, vá trabalhar até mesmo num leprosário que nada lhe sucederá"

Foram distribuídas centenas de milhares de medalhas. Nenhum daqueles que seguiram os conselhos de D. Bosco foi atingido pela cólera. Em Marselha, os alunos do colégio salesiano, confiantes na proteção de Nossa Senhora, permaneceram tranqüilos e incólumes em meio à cidade devastada pela epidemia. Em Barcelona, algumas senhoras cheias de fé, tiveram a idéia de espalhar as medalhas de Nossa Senhora Auxiliadora junto aos limites do bairro de Sarriá, onde moravam. A fé em Nossa Senhora Auxiliadora foi recompensada: aquele foi o único bairro que a cólera respeitou.

NÃO IREI DORMIR EM PECADO

Quando fez a sua primeira comunhão, tomou um menino a resolução de nunca ir dormir com um pecado mortal na consciência.

O seu propósito era: "Se tiver a desgraça de cair em falta grave, irei confessar-me no mesmo dia e não irei para a cama antes de me haver reconciliado com Deus".

Alguns meses mais tarde teve a fraqueza de cometer um tal pecado. Era sábado, fazia mau tempo e a igreja era distante. Ele dizia:

- Amanhã, quando for à missa, procurarei o confessor e me confessarei.

Lembra-se, porém, de sua promessa e uma voz interior lhe diz:

- Faze o que prometeste, vai te confessar...

Contudo, não se resolvia a ir e, nessa luta, ajoelhou-se e implorou o auxilio de Nossa Senhora, rezando uma Ave-Maria para que lhe fizesse conhecer a vontade de Deus. Apenas terminara a sua oração, sentiu-se mais vivamente impelido a ir confessar-se imediatamente. Levanta-se, corre à igreja e confessa-se.

De volta, encontra-se com sua madrinha que lhe pergunta de onde vem.

- Acabo de confessar-me, diz com rosto alegre e feliz. Cometi um pecado e não quis ir dormir sem alcançar o perdão; agora sim, tendo recuperado a graça de Deus, posso dormir tranqüilo...

Sua mãe tinha o costume de deixá-lo dormir um pouco mais aos domingos; por isso não foi despertá-lo cedo. Às sete horas bate à porta, chama-o pelo nome... Não responde. Passa um quarto de hora e o menino não aparece. Chama-o de novo, mas sem resultado algum.

Inquieta, abre a porta, abrira-se da cama onde o filho jaz imóvel; pega-lhe da mão, está fria; fixa-o um instante, dá um grito e desmaia... O menino estava morto!

E se não tivesse ido se confessar?

DA CARIDADE PARA COM OS INIMIGOS

De modo especial te recomendo o exercício da caridade para com aqueles de que não gostas. Muitos dizem: Sou bom para os que se mostram bons para comigo; mas não posso sofrer ingratidões. A estes responde o Divino Salvador, que também os infiéis são gratos para com os que lhe fazem bem. Um cristão, porém, deve desejar e praticar o bem àqueles que odeiam e lhes fazem mal. "Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam". (Mt 5, 44).

Triste é ver um cristão, que faz todos os dias, talvez, oração mental e comunga a miúdo, nutrir ódio em seu coração contra seu próximo, não se envergonhando sequer de patenteá-lo externamente. Quando se fala de quem ele não pode ver, procura desprestigiá-lo tanto quanto pode; não o saúda, quando se encontra com ele, volta-lhe as costas quando o outro lhe dirige a palavra. Com que vistas contemplará o Cordeiro de Deus a um homem tão hostil?

O infeliz que tolera ódio em seu coração terá de sofrer um duplo inferno; um neste mundo, tendo de viver com homens cuja vista não pode suportar, e outro na eternidade, em pena de seu ódio... Mas esse homem é por demais impudente, é impossível suportá-lo! Respondo: exatamente nisso consiste o amor do próximo, suportar o que parece intolerável. Aquele homem te desprestigia, frustra teus planos, rouba talvez teu bom nome! Pois bem: faça como se nada soubesses; esforça-te em não lhe mostrar a mínima indiferença; conversa amigavelmente com ele em toda a ocasião; e, se ele se mostrar frio, previne-o, cumprimentando primeiro e procura ganhá-lo pela mansidão. Muito longe de te rebaixares com tal proceder, te elevas, porque o fazes por motivo sobrenatural e para agradar a Deus.

Se alguém te causa, de fato, algum prejuízo, vinga-te, mas à moda dos santos. Em que consiste essa vingança? S.Paulino no-la define: "Uma vingança celeste é amar a seu inimigo". Consiste, pois, em amar, louvar e

cumular de benefícios a quem te faz mal. Santa Catarina de Siena vingou-se de uma mulher que tinha atacado a sua honra, prestando-lhe os serviços de uma criada, durante uma longa enfermidade que a acometeu. S.Acácio vendeu seus bens pra sustentar quem o havia privado de sua boa reputação. Santo Ambrósio concedeu a um sicário, que atentara contra sua vida, uma pensão, com a qual podia comodamente viver.

O governador da Úmbria, Venustiano, que era um perseguidor da Igreja, mandou cortar as mãos de S.Sabino, bispo de Spoleto, por ter destruído um ídolo, em vez de adorá-lo, conforme era sua vontade. Pois bem; aconteceu que esse tirano atacado por agudas dores de olhos, implorou o auxílio do santo, levado pela

necessidade. S.Sabino orou por ele, e não só lhe alcançou a saúde do corpo, como também a da alma, por sua conversão. São Crisostomo nos refere o seguinte: S.Melécio, patriarca de Antioquia, vendo que o povo queria apedrejar o tribuno que o devia conduzir ao desterro, estendeu seus braços sobre ele, que estava assentado a seu lado no carro, e livrou-o de uma morte certa.

O Pe.Ségneri narra um fato ainda mais notável: um dia foi assassinado o filho único de uma nobre senhora de Bolonha. O assassino, para fugir às mãos da justiça, fugiu para a casa da mãe do assassinado. Que fez esta? Não só o subtraiu às pesquisas da policia, mas também o constituiu herdeiro dos seus bens, em lugar do filho que já não possuía, e disse-lhe: entretanto, toma este dinheiro e salva-te em qualquer parte, porque aqui não estás seguro. Diante de tais fatos, dirá alguém: ora, esses todos eram santos, e eu não possuo tal virtuue. Ouve, porém, o que te diz Santo Ambrósio: "Se te falta força, pede-a a Deus, e Ele te concederá".

Quando se perdoam as ofensas sofridas, pode-se ficar certo de encontrar perdão junto de Deus, pois que Ele disse: "Perdoai e ser-vos-á perdoado" (Lc 6,27). A Beata Batista Varani, da Ordem franciscana, dizia: "Se eu ressuscitasse mortos, estaria menos certa de ser amada por Deus do que estando pronta a fazer bem àqueles que me fazem mal". Nosso Senhor mesmo disse uma vez à Beata Ângela de Foligno: "O sinal mais certo de amor mútuo entre mim e meus servos é amarem os que os ofenderam".

Se, pois, nada podes fazer, ora ao menos por aqueles que te perseguem e caluniam, segundo a recomendação do Salvador. A Beata Joana da Cruz rezava continuamente por aqueles que a tinham ofendido, de tal forma que as suas irmãs de hábito costumavam dizer: "Quem quiser que Madre Joana reze por ele, basta fazer-lhe uma ofensa" Santa Isabel da Hungria, quando rezava, um dia, por uma pessoa que a tinha ofendido, ouviu Nosso Senhor dizer-lhe: "Fica sabendo que nunca fizeste uma oração que mais me agradasse do que essa e, por isso, perdôo-te os teus pecados". Segue o exemplo desta santa e conquistarás o amor e o perdão de teu divino Esposo.

(Santo Afonso Maria de Ligório)

SOS PEDIMOS AJUDA

- Completamos 25 anos de existência.
- Como nos propusemos, conseguimos, graças à proteção de Nossa Senhora enviar e distribuir nossa publicação gratuitamente.
- Felizmente muitos de nossos leitores nos têm ajudado. Temos porem atravessado dificuldades, principalmente para ampliar a nossa tiragem.
- Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ
CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO
CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

Ou então, envie-nos pelo correio um cheque nominal e cruzado ao Grêmio Santa Maria

O INFERNO EXISTE (VII)

É Bom Pensar No Inferno

Um santo solitário, assaltado por violenta tentação, temendo ser vencido, acendeu o lume e para se compenetrar vivamente do pensamento do inferno, pôs os dedos na chama e os deixou queimar, dizendo de si pra consigo: - Uma vez que tu queres pecar e merecer o inferno que será o castigo de teu pecado, experimenta antes se és capaz de suportar o tormento de um fogo eterno.

Um rico dissoluto, ainda que pelos seus inúmeros pecados vivesse em contínuo temor do inferno, todavia não tinha coragem de romper com os maus hábitos e de penitenciar-se. Recorreu, pois, Santa Ludovina que então edificava o mundo com a sua paciência e lhe pediu que fizesse penitência por ele.

- De boamente, respondeu a santa, oferecerei por vós os meus sofrimentos, com a condição, porém, que uma noite inteira vós conserveis na cama a mesma posição, sem vos moverdes de nenhum modo.

Aceitou facilmente a condição, mas passada apenas meia hora, sentiu enfado e já queria mover-se. Todavia não o fez; aumentando, porém, o mau estar daquela posição que lhe ia parecendo insuportável, cedeu. Então uma impressão salutar se despertou no seu coração: - Se é tão molesto ficar imóvel num leito cômodo por uma noite, oh! O que não será ficar deitado num leito de fogo pelo espaço de uma eternidade? E terei ainda dúvida de me livrar desse suplício com um pouco de penitência?

No ano 285, duas matronas cristãs, Donvina e Teonila, foram levadas ao prefeito Lisias que as intimou a renegarem a fé e abraçarem o culto dos ídolos. Elas recusaram terminantemente. Então o prefeito mandou acender o fogo e erguer um altar dos ídolos.

- Escolhei, disse; ou queimar incenso aos nossos deuses, ou ser vós mesmas queimadas nesta fogueira.

As duas mártires responderam sem hesitar:

- Nós não tememos este fogo que daqui a pouco se apaga; tememos, sim, o fogo do inferno que não se apaga nunca. Para não cair no inferno é que detestamos os vossos ídolos e adoramos a Jesus Cristo.

E assim sofreram o martírio.

Tomáz More, o grande chanceler da Inglaterra, foi perseguido e ameaçado de morte por ter recusado um juramento iníquo exigido pelo ímpio rei Henrique VIII. Empregaram todos os meios para o seduzir, e, não valendo as promessas, recorreu-se à violência. Foi atirado à prisão para que definhasse. Os amigos o importunavam para ceder; a esposa o conjurava a dobrar-se à vontade do rei, e conservar assim a vida para o bem deles e dos filhos.

- Quantos anos, lhe disse More, te parece que poderei ainda viver?

- Mais de vinte, respondeu ela.

Tornou o preso, mostrando-lhe severo semblante:

- Pois, por vinte anos e tanto queres que venda uma eternidade?

Ele foi, por isso, condenado à morte. Este homem generoso, assim como tinha sabido viver entre as grandezas da corte sem fausto, soube também morrer no patíbulo sem fraqueza. Antes de ser executado rezou o Misere, e morrendo como forte ensinou a todos que é preciso salvar a alma a todo custo, porque perdida a alma, tudo está perdido.

Apresentou-se uma ocasião ao Papa Bento XI o embaixador de um grande soberano, pedindo em nome do rei um favor, mas de tal natureza que não se podia conceder licitamente.

- Deus sabe, respondeu o Pontífice, como desejo ardentemente contentar o vosso imperador. E tão vivo é esse desejo, que se tivesse duas almas, sacrificaria de boamente uma para lhe conceder o favor que pede. Mas, dizei ao vosso soberano que tenho só uma alma, e absolutamente não posso, não devo, não quero perdê-la para agradar a ele.

Belas palavras, que todo cristão deveria ter sempre presente à memória e prontas na boca para semelhantes circunstâncias.

É célebre a invenção usada por um rei para fazer pensar mais retamente a um cavalheiro de má vida. Convidou-o para uma soberba caçada. Imediatamente depois da caça, um jogo de muitas horas. Acabado o jogo, convite para assistir a uma representação. O cortesão estava cansado; mas era convite do rei e precisava aceitar. Depois do teatro, que durou quatro horas, uma embaixada anunciava uma sessão de músicos estrangeiros, e pedia ao cavalheiro quisesse honrá-la com a sua presença..

O pobre homem murmurou: - Parece que o rei quer matar-me com tanta diversão; se vier mais um convite morro de verdade.

E o quinto convite veio mesmo; no salão da corte havia um baile e aí também o rei o esperava.

- Pobre de mim! Ainda um baile? Não posso mais ficar em pé!

E excusou-se com o rei:

- A bondade de Vossa Majestade me confunde. Mas, por amor de Deus, um pouco de descanso: dezoito horas ininterruptas de diversão...

- E vos parece muito? Replicou o rei. Não podeis, então, agüentar dezoito horas de divertimento e agüentareis a longa eternidade de contínuos sofrimentos não variados, para os quais vos leva vossa vida?

O Padre Cattaneo narra um fato para nos fazer compreender o medo que devemos ter de nossa sorte futura. E, todavia de nós depende a escolha!

Maomé II, senhor dos turcos, aquele que anexou mais de duzentas cidades ao grande império de Constantinopla e invadiria a Itália se a morte não lhe frustrasse a realização dos planos, foi homem crudelíssimo e sanguinário; de uma feita, achando falta de um fruto no seu jardim, mandou reunir os criados para saber qual tinha sido o delinqüente, e porque nenhum deles ousou confessar aquele pequeno furto, mandou abrir o ventre de todos para saber onde estava o corpo de delito; e foi providência de Deus ter-se encontrado o fruto depois de mortos três servos; senão todos os outros seriam sacrificados.

Ora, este bárbaro rei fez um parque de caça reservado para si, num lugar onde havia abundância de animais e aves; decretou pena de morte a quem ousasse caçar nesse parque.

Não obstante a proibição, dois moços, seus filhos, julgando-se isentos da pena, por serem príncipes, foram caçar nesse parque. Apenas o rei soube, mandou-os prender e condenou irremissivelmente à morte, dizendo: - Aprendam os meus súditos, mesmo a preço do sangue real, a exata obediência às minhas ordens.

Ninguém se atreveu a falar ao rei pra mitigar rigorosa sentença. Só o mufti, chefe da religião maometana, fez ver ao pai que eles eram os únicos herdeiros do sangue régio; e conquanto se pudesse esperar outra sucessão, todavia era incerta; pelo que, pedia em nome de todo o império que lhe desse a consolação de deixar um sucessor. A esse pedido respondeu o tirano:

- Para suceder no reino basta um; portanto, um se sacrifique para exemplo de todos e o outro se conserve para segurança da coroa. Mas, qual dos dois merece graça? O mais velho? Não! O menor? Não! Tirem a sorte!

Tirou-se a sorte fatal com um majestoso e tremendo aparato. Na grande sala da corte, achava-se o rei, sentado no trono, rodeado pelos vizires, agás e pachás; diante do trono duas mesinhas, uma fúnebre com o baraço, a outra coberta com uma rica toalha, onde se viam o turbante, o colar e a espada. Um tabuleiro com os dados; aí foram conduzidos os príncipes para tirarem a sorte: quem obtivesse menor ponto cingiria a espada e o colar; quem obtivesse maior, daria o pescoço ao baraço.

Diante daquele aparato os dois jovens desmaiaram; depois, com o fritilo na mão, dirigiam tristes olhares para a corda e para a coroa; o coração de ambos batia tão forte que levantava as vestes sobre o peito, com afanosos e profundos suspiros, com ânsias de moribundos, por causa da escolha fatídica – a corda ou a coroa – que dependia de um ponto de jogo e do lançar de um dado.

Quem sente compaixão pela situação crítica em que se acharam esses pobres príncipes, dirija a compaixão sobre si mesmo, e diga: - "Na hora da morte, na mesma ou em pior situação, me acharei eu. Duas infinitas eternidades terei diante de mim; numa verei cetros, coroas, riquezas, alegrias, prosperidades, tudo para sempre; noutra verei grilhões, infâmias, morte, e não passageiros, mas que duram sempre. E o que me caberá em sorte?"

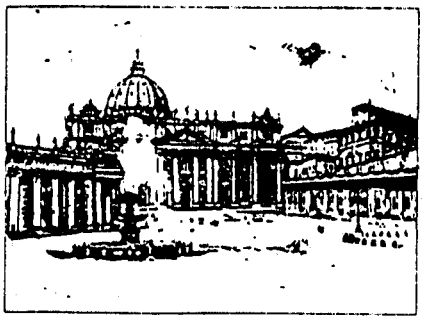
De nós depende inteiramente a escolha: se vivermos bem, teremos a eternidade feliz, se, ao contrário, levamos vida má, caber-nos-á o fogo eterno, o desespero eterno e todas as outras penas de que já falamos. (Padre André Beltrami - SDB)

Quem é a legitima herdeira?

Quando Nosso Senhor Jesus Cristo, às margens do lago de Tiberíades, prometeu a São Pedro que as portas do inferno não prevaleceriam sobre sua Igreja, Ele falou em uma Igreja não em várias igrejas.

Portanto, haveria somente uma Igreja de Nosso Senhor. Mas hoje várias facções pretendem ser a Igreja de Cristo. Várias seitas têm essa pretensão. Protestantes e até espíritas arvoram-se como sendo a verdadeira Igreja de Cristo.

São vários os que pretendem fazer de seu grupo a Igreja Cristã. Mas Nosso Senhor só falou em "minha Igreja", ou seja, uma única e, repetimos, não várias.



E qual é essa única Igreja Cristã?

Imaginemos o seguinte: existe uma grande herança de um milionário e vários pretendem ser o seu legítimo herdeiro. Um juiz pede a eles que provem ser herdeiros do falecido. Um deles alega ser herdeiro, mas não prova. Outro mostra que é filho de sicrano, mas para aí, um terceiro que é neto de fulano, mas não vai até o falecido.

Um quarto mostra que é filho de beltrano, que por sua vez foi filho de um filho do filho do falecido e tudo isso documentado.

Quem era o legítimo herdeiro? Obviamente o último pretendente que mostrou e provou a linha sucessória do falecido até ele.

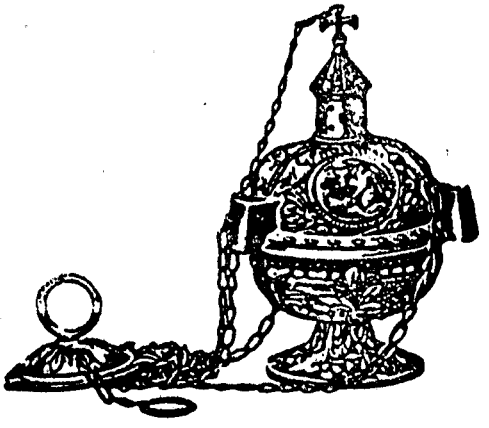
Ora quem consegue provar que é a Igreja fundada por Jesus Cristo? Isso de Nosso Senhor até hoje?

Somente a Santa Igreja Católica prova isso. Sim, Nosso Senhor deu o primado a São Pedro e deste Santo há uma relação ininterrupta de mais de 260 Papas até hoje, e que – reiteramos – remonta a Nosso Senhor.

Com as seitas tal não ocorre. Assim, uma foi fundada no século XVI e teve como fundador Lutero, outra no mesmo século foi fundada por Henrique VIII, da Inglaterra. Uma outra ainda foi formada no século XIX por J.T.Russel, outra no século XX por um brasileiro ainda vivo e assim por diante.

Portanto não há lugar para discussões. A Igreja de Cristo é a Igreja Católica que prova ser a única fundada por Nosso Senhor e a única que mostra com a história que remonta a Nosso Senhor numa relação de tantos Papas.

Portanto é a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo e é a detentora da mensagem salvívica de Nosso Senhor e sobre a qual Nosso Senhor prometeu que as portas do inferno não prevalecerão.



UM GUARDA-COSTAS PARA DOM BOSCO

A vida de Dom Bosco é rica de aventuras. Um homem tão mergulhado no sobrenatural teve que enfrentar situações difíceis e perigosas, que várias vezes lhe ameaçaram a vida. "Grigio", o cão misterioso, foi-lhe eficiente guarda-costas em determinado período de vida.

Entre os romanos havia um título que dava muitos privilégios para o seu detentor. Ser AMIGO DE CÉSAR era uma distinção de que poucos gozavam. No antigo regime também o título AMIGO DO REI conferia ao seu portador inúmeras vantagens. Os santos também podem se gloriar de um título que lhes traz vantagens divinas: AMIGOS DE DEUS.

Entre essas vantagens temos a especial proteção de Deus para que seus amigos possam cumprir a missão que a Providencia lhes deu.

Dom Bosco, como grande AMIGO DE DEUS, não fugiu dessa norma. Entre os meios de que Deus se serviu temos o caso de um cão misterioso que o protegeu inúmeras vezes. Aliás, muitas vezes essa mesma Providência usou de animais para servir os seus amigos. Assim temos o corvo que alimenta S.Paulo no deserto. Os leões que cavam a sepultura de Santo Antão. O lobo dócil a S.Francisco de Assis. As formigas que obedecem ao bem-aventurado Miguel Rua.

Esse cão misterioso entrou na vida de Dom Bosco por ocasião da liberdade dada pelo rei do Piemonte aos valdenses (seita fanática). Começaram a espalhar sua doutrina entre o povo simples por meio de libretos, folhetos e outros meios de comunicação. Dom Bosco usa das mesmas armas para combatê-los. Recebe a visita de alguns chefes da seita, que lhe oferecem dinheiro para cessar essa atividade que tanto os atrapalhava. Naturalmente Dom Bosco não aceitou. Vieram as ameaças e finalmente os atentados. Nessa hora a Divina Providência envia um guarda-costas especial. Um cão misterioso. Um ex-aluno que o vira, assim o descreve: Era um cão de porte amedrontador. Tanto que a mãe de Dom Bosco, ao vê-lo, exclamou: que animalaço. Tinha o aspecto de um lobo; focinho alongado, orelhas em pé, pêlo cinzento e altura de um metro. Dom Bosco o chamará de Grigio (cinzento). Misterioso, porque aparecia somente nos momentos difíceis, recusava abrigo e comida, dormia quem sabe onde, agressivo e violento contra os bandidos, amável para com as crianças do Oratório, e todo meigo para com Dom Bosco. Algumas vezes somente Dom Bosco o via; outras vezes apareceu em lugares e tempos bem longínquos. Aparecerá depois da morte de Dom Bosco para proteger seus filhos.

Ouçamos, através das memórias de Dom Bosco, as histórias desse cão e sua atuação.

Numa noite de outono, Dom Bosco apenas passara além do manicômio que estava na extremidade da cidade, apareceu-lhe um molosso que foi sempre caminhando ao seu lado. O primeiro movimento de Dom Bosco foi dar um passo para trás assustado; mas depois percebeu que o animal era muito dado e aceitava as carícias que lhe fazia; continuou tranqüilamente seu caminho. Ao chegar em casa, que ficava num descampado, o animal fez meia volta e partiu com passo tranqüilo. O fato se repetia todas as vezes que Dom Bosco tinha que voltar tarde para casa sem companhia.

O fiel animal esperava-o numa curva da estrada ou numa encruzilhada solitária e lhe fazia a mais amável das companhias. E essa companhia não deixou de ter sua vantagem mais de uma vez.

Uma noite de inverno, Dom Bosco ia voltando para casa muito tarde. Ao passar pela avenida Regina Margherita, um homem escondido atrás de uma árvore descarregou-lhe a queima roupa dois tiros de garrucha. Felizmente detonou somente a cápsula. Então, o assassino se atirou contra Dom Bosco para

matá-lo, quem sabe de que maneira. Mas nesse momento ouviu-se um uivo pavoroso e um animal saltou furiosamente contra o agressor. O celerado mal conseguiu fugir, enquanto Dom Bosco voltando a si do susto que levara, acariciava com gratidão o pêlo do fiel amigo.

Doutra feita numa rua escura das imediações da Consolata, Dom Bosco viu que o precediam dois homens de má catadura, os quais, - era evidente – regulavam o passo pelo seu. "Estou bem arranjado", pensou; e voltou atrás para entrar de novo na cidade e pôr-se a salvo de qualquer perigo. Ao ver isso, os dois precipitaram-se por cima dele e lhe cobriram a cabeça com um saco. Dom Bosco, à custa de movimentos rápidos e enérgicos conseguiu desvencilhar-se dessa capa indesejável, mas então o mais robusto dos dois amordaçou-o tão rigorosamente que foi impossível gritar por socorro. Estava para cair completamente nas mãos dos malfeitores, quando se ouviu pertinho um terrível latido: era o Grigio. Num bater de olhos livrou o dono e este se desvencilhando da mordaça viu um dos agressores fugir a toda a brida, enquanto o outro, atirado por terra, estava completamente dominado pelas presas do animal, que o agarrara pela garganta. "Chame o seu cão", gritava desesperado, "chame-o depressa". "Se o senhor prometer que vai andar direito daqui por diante", disse o malfeitor que já não agüentava mais. Então Dom Bosco chamou o animal e ele soltou a presa. O bandido fugiu vertiginosamente.

Noutra circunstância, o valente cão dominou toda uma quadrilha. Dom Bosco tinha penetrado na alameda deserta, que acompanhando as últimas casas da cidade, conduzia-o do mercado de Porta Palazzo à sua habitação. Era noite adiantada. De repente, apontou num canto escuro, um indivíduo que avançou para ele brandindo um cacete. Dom Bosco, nessa idade, corria ainda muito bem. Mas o agressor o alcançou. Dom Bosco então passando decididamente para a ofensiva, aplicou-lhe um formidável soco na boca do estômago e o fez cair por terra, gritando de dor.

A esse grito surgiram, de todas as moitas vizinhas, indivíduos que estavam de atalaia para aparecer em caso de necessidade. Dom Bosco viu-se perdido; mais alguns segundos, o teriam assassinado... se não fosse o latido do Grigio que se fez ouvir de repente... Em poucos saltos ei-lo presente. Pôs-se a girar para lá e para cá em redor de Dom Bosco, uivando de modo terrível, mostrando uns dentes que faziam arrepiar. E os malfeitores, um a um, se dispersaram nos campos vizinhos.

Outra vez, em vez de escoltá-lo na forma costumeira, impediu decididamente que Dom Bosco saísse de casa. Estendeu-se na soleira da porta e não houve o que pudesse obrigá-lo a sair. Foi a primeira vez que mostrou os dentes ao seu dono; e viu-se que, se fosse preciso, tê-lo-ia empurrado com toda a força do peito para dentro de casa. Antes de chegar a esse extremo, contentava-se em rosnar com os dentes bem cerrados. "Se não quer ouvir a mim, atenda ao menos a esse animal que está demonstrando mais juízo que você" disse Margarida ao filho. Dom Bosco entendeu.

"MARIA É O TESOURO DE DEUS. ONDE ESTÁ MARIA AÍ ESTÁ O CORAÇÃO DE DEUS"
(*São Bernardo*)

E foi bom, porque de aí a menos de um quarto de hora chegou um vizinho dizendo que não se afastasse de casa de maneira nenhuma, porque tinha surpreendido uma conversa na qual se falava evidentemente de um atentado que lhe estavam preparando. Noutra tarde, o cão apareceu no pátio do Oratório e todos foram fazer-lhe festas. Ele, porém com ar melancólico e resignado mostrava-se completamente passivo. Pulavam-lhe por cima, puxavam-lhe o pêlo e as orelhas e ele não se mexia. Finalmente levaram-no para o refeitório onde Dom Bosco estava terminando sua frugal refeição.

Ah! Grigio, meu velho Grigio! Que é que vieste fazer?

O cão aproximou-se a esse chamado, pôs o longo focinho em cima da mesa, olhou com ar de satisfação para Dom Bosco e não se mexeu.

Depois foi percebido o porquê dessa visita. Dom Bosco deveria voltar tarde do palácio de seus bons amigos Fassati; mas o marquês o tinha reconduzido a casa mais cedo de carruagem. O Grigio se tinha postado de atalaia e, vendo que ele não passava, quis certificar-se se já tinha entrado em casa.

Enfim, quando desapareceram as perseguições violentas, o guarda-costas providencial também desapareceu. Trinta anos mais tarde Dom Bosco ia a pé de Ventimiglia até Bordighera. Era de noite. O Grigio apareceu festivo e guiou Dom Bosco através da escuridão até onde o esperavam. Outra vez, anos mais tarde, ia até uma aldeia perto dos Becchi e, estando só, suspirou pela presença do cão. Misteriosamente este lhe aparece e lhe faz companhia.

O que Dom Bosco pensava acerca desse misterioso guarda-costas? Ao contar a aparição do Grigio após 30 anos, uma senhora lhe perguntou como seria isso possível se a vida do cão não conta com tantos anos! Sorrindo ele respondeu: "Talvez fosse um filho ou um neto do Grigio."

Em 1870, falando a respeito do Grigio, disse: "Este cão é uma coisa realmente notável na minha vida. Dizer que seja um anjo provocaria risos, mas também não se pode dizer que seja um cão comum, porque eu o vi ainda faz poucos dias."

Henrique Gheon falando desse guarda-costas afirma: "A Providência pode se servir de um cão. Um anjo tem meios para assumir essa forma. O menos que se possa falar é que esse cão sentia o perfume da santidade e tomava a sua defesa. Se foi um milagre, isso não nos deve causar admiração desde que o Senhor operara tanto em favor de seu servo."

Nós podemos concluir, com Rodolfo Fierro, que o guarda-costas de Dom Bosco não tinha nenhuma genealogia.

(Extraído do Boletim Salesiano)